

A DIMENSÕES DO SAGRADO E DA CIDADANIA NO ASSENTAMENTO MACEIÓ-CE

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba
mfatima@openline.com.br

RESUMO

Neste trabalho discutimos algumas práticas sociais que permeiam o cotidiano dos camponeses e pescadores do Assentamento Maceió, localizado no Município de Itapipoca, Litoral Norte do Ceará. Apoiada em pesquisa documental, bibliográfica e nas observações registradas ao longo dos diversos trabalhos de campo, tecemos algumas considerações que estão relacionadas ao campesinato brasileiro e, por conseguinte, ao grupo social residente no Assentamento Maceió. Enfatizamos como se dá, nesta localidade litorânea, a relação tempo-espaço entendendo que a mesma está intrinsecamente interligada com a reprodução econômico-social e cultural dos camponeses. A partir desta compreensão inferimos que a delimitação dos espaços sagrados e produtivos nesta área de estudo, expressa o *modo de vida* local com toda significação que o processo de reprodução social a engendrou. Todavia, os projetos turísticos propostos por empreendedores que chegam àquela localidade litorânea, distanciam-se do que almeja o grupo social em evidência e, por conseguinte, têm ocorrido manifestações de resistência contrárias aos mesmos.

Palavras chave: campesinato, Assentamento Maceió, espaço-tempo, modo de vida.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, nous discutons quelques pratiques sociales qui traversent le quotidien des paysans et des pêcheurs du Campement Maceió, localisé dans la municipalité de Itapipoca, sur le Littoral Nord du Ceará. Sur la base d'une recherche documentaire et bibliographique ainsi que d'observations régionales faites au long de plusieurs travaux de terrain, nous tissons quelques considérations liées au paysannat brésilien et, par conséquent, au groupe social qui réside dans le Campement Maceió. Nous mettons en relief la manière dont se fait, dans cette localité du littoral, la relation espace-temps, comprenant que celle-ci est intrinsèquement liée à la reproduction socio-économique et culturelle des paysans. De cette compréhension, nous induisons que la délimitation des espaces sacrés et productifs dans cette aire sociale, exprime le *mode de vie* local avec toute la signification que le processus de reproduction sociale a engendrée. Toutefois, les projets touristiques proposés par des entrepreneurs qui arrivent dans cette localité du littoral sont loin de ce que souhaite le groupe social en question, ce qui provoque donc des manifestations de résistance à l'encontre des premiers.

Mots-clés: paysannat. Campement Maceió, espace-temps, mode de vie.

Introdução

“Aí nós juntamos todo mundo: mulher, menino; foi uma reunião enorme no pátio da igreja. Aí eles começaram a conversar e a gente viu que era coisa que não interessava a gente o que eles queriam dizer. E eu sei que o povo... nós, nesse dia, fizemos uma confusão tão danada, e aí eles disseram:

- Com quem vocês aprende isso ? Quem é que diz que vocês têm direito a essa terra se vocês não têm papel dela. Isso e aquilo outro...Aí a menina disse:

- É a Bíblia que diz que nós somos filhos de Deus, todos têm direito de morar neste chão, ter um pedaço de terra prá morar.

- Ai e é a Bíblia ? Essa Bíblia de vocês é muito esperta!” (Depoimento de Nazaré, Apiques, fevereiro de 1992).

O texto em epígrafe se coloca nos marcos de um esforço acadêmico que vem sendo feito por diversos pesquisadores brasileiros, no sentido de entender o *outro* como sujeito do conhecimento. Refletindo sobre este tema, especialmente acerca do encontro dos brancos com os índios (MARTINS 1993, p.21), afirma: “uma concepção da relação com o outro que os brancos não têm: não podem compreender”.¹

É oportuno afirmar que, embora assumidamente solidária a esta luta dentre tantas outras da nossa

sociedade, talvez não consiga traduzir o significado profundo que teve a relação Evangelho e Vida para o grupo social objeto desta pesquisa. Esta dificuldade, aqui revelada, pode estar associada à existência de uma linguagem presente no campo brasileiro que se traduz mais em silêncios do que em palavras, mas também pode estar associada às limitações de quem relata e interpreta algo que não deriva de suas próprias experiências. Portanto, visando amenizar os obstáculos na comunicação, é que recorro à minha formação em geografia, registrando a partir do trabalho de campo, e porque não dizer a partir das minhas interpretações², a relação espaço tempo e cultura que permeia o cotidiano dos camponeses e pescadores do Assentamento Maceió desvelando assim o empenho destes em viverem com dignidade e poesia.

O relato por revelar aspectos do cotidiano vivenciado pelo grupo social em evidência permitirá adentrar, por vezes, as suas casas, visitando as suas práticas políticas e acompanhar os seus ritos de fé. Podemos discordar dos percursos por eles empreendidos na luta para permanecer na terra, difícil será, no entanto, deixar de reconhecer a importância que teve a dimensão do Sagrado na conquista dos ganhos sociais que se traduzem na posse da terra e na melhoria da qualidade de vida.

Dimensões do Sagrado: práticas políticas e ritos de fé

É importante enfatizar que a relação tempo-espaço nas sociedades camponesas está intrinsecamente ligada ao seu sistema de crenças e este se reflete na sua forma de reprodução econômico-social e política. Do mesmo modo, a delimitação dos espaços sagrados e produtivos expressa o modo de vida deste segmento social.

A divisão do tempo, em tempo cíclico e tempo histórico entendida enquanto temporalidades excludentes, não traduz a compreensão que têm diversos grupos sociais e sociedades acerca deste tema. Os Mayas de Yucatan viviam o tempo de uma forma linear e cíclica; uma forma não excluía a outra. Ao mesmo tempo em que usavam uma periodização de maneira recorrente, relacionavam períodos com acontecimentos característicos próprios que voltariam a repetir-se segundo uma cosmologia do grupo: “assim a conta dos katunes fazia a vez de história e de profecia, tanto como de guia para o futuro como de registro do passado” (FARRISS, 1986, pág 49).

Referindo-se ao campo brasileiro, uma gama de pesquisas dá conta de uma diversidade de espaços e temporalidades que expressam as relações sociais e valores da nossa sociedade. Foi partindo da compreensão acerca da existência desta diversidade de espaços e da interrelação entre tempo histórico e cíclico, para alguns grupos sociais, que iniciamos esta reflexão.

No Assentamento Maceió³, onde estão situadas onze localidades⁴ (Figura 1), existem distintos espaços, cuja manifestação insere-se no conjunto das relações que se dão no interior do grupo: relações de parentesco, relações políticas, bem como, as crenças e as tradições praianas.

Comunidade é a palavra que eles usam para denominar o seu modo de vida e organização social, estando nela implícita a relação que têm com a terra enquanto meio de trabalho, as regras utilizadas para o uso dos bens adquiridos via empréstimo ou através do próprio trabalho comunitário, bem como, as relações políticas e religiosas. Para os camponeses do Assentamento Maceió, as cercas têm a utilidade de proteger os roçados da invasão dos bovinos e de outros animais que possam destruí-los e não o sentido de apropriação individual. As famílias que residem nos 5888 ha de terras que compõe a área do assentamento, podem fazer seus roçados onde quiserem sem que isso dê origem a conflitos. O espaço particularizado por excelência é a casa de morada, por estar ali registrada a história dos membros da família, porém, em algumas ocasiões a casa transforma-se em espaço comunitário e em espaço sagrado. No primeiro exemplo o uso comunitário concretiza-se quando a casa é utilizada como passagem, ou como dizem os moradores, ao servir de “atalho”, para os roçados ou campos de cultivo. No segundo exemplo o espaço da casa é utilizado por ocasião das celebrações realizadas pelos próprios membros da comunidade, em suas residências. Durante as celebrações tornam-se visíveis as transformações que ocorrem, em nível das relações, no interior do grupo. Se nas discussões políticas prevalece o argumento, especialmente dos mais “letrados”; na “hora da reza”, prevalece a fé e a reverência à Bíblia. Para a

Comunidade Maceió, fé e política estão intrinsecamente interligadas, por isso as celebrações são feitas após as discussões e encaminhamento dados aos seus problemas. A inter-relação entre esses dois processos sociais, o político e o religioso, revela a “sacralização do espaço político”, onde “de ambos os lados, da igreja e do ‘povo’, existe a tentativa recíproca de apropriação da fala do outro e da força do outro” (MARTINS, 1989, pág 59).

Assim é que aos domingos, no Assentamento Maceió situado no Litoral Norte do Ceará, ao cair da tarde, o sino toca e mulheres, homens e crianças dirigem-se à igreja situada na Comunidade Maceió. Antes de iniciar a celebração, Chica Belú⁵, juntamente com o *grupo de jovens*, escolhe os cânticos que serão entoados. Os mais letrados são convidados a fazer as leituras bíblicas, e a maioria dos presentes emite opiniões sobre o Evangelho, procurando estabelecer paralelos entre este e suas vidas. A igreja deixa de ser simplesmente o local de orações e transforma-se num local onde a fé e a vida se encontram, em busca da construção de um futuro melhor. Segundo depoimentos de “animadores” do Assentamento Maceió: “o rito se torna rito de luta e não apenas rito litúrgico”.



Figura 1 – Assentamento Maceió com suas localidades litorâneas: Apiques, Barrinha e Barra do Bode

Nestas ocasiões, todos procuram acompanhar os cânticos e as orações. O Sr. Preá⁶ (Figura 2) inicia as suas pregações que se estendem por alguns minutos a mais do que o fazem, costumeiramente, os demais membros das comunidades (Figura 3). Esta prática traduz o entendimento do grupo de que não é preciso estabelecer tempo para rezar. Além disso, é fundamental recordar para os mais jovens o tempo da luta pela terra, “quando todos eram unidos”. Como “patriarca das comunidades”, o Sr. Preá costuma ressaltar que cumpre o papel de alertar os mais jovens para as mudanças que vêm acontecendo e de orientá-los no sentido de saberem preservar a terra.



Figura 2 - Sr. Preá, um dos moradores mais antigos da comunidade. Para muitos dos camponeses ele é considerado o “Patriarca” da comunidade.



Figura 3- Reunião e celebração à luz de lamparinas: prática comum no assentamento Maceió

A celebração aos domingos, ocorre nas várias localidades do Assentamento Maceió. Este rito tornou-se comum no Brasil e, nos últimos 25 anos muitas dioceses católicas passaram a celebrar o culto dominical com os chamados folhetos litúrgicos. Em muitos lugares ainda são usados. Cada fiel, entrando na Igreja, recebe seu folheto. Nele estão impressos cânticos, diálogos, orações e leituras bíblicas do dia. Enquanto lá na frente alguém com o folheto nas mãos proclama o texto, todos o acompanham com sua leitura individual.

Nas celebrações realizadas em todo o Assentamento Maceió, o que muda de uma localidade para outra é o cenário e as pessoas envolvidas. Os cânticos escolhidos são, em geral, os mesmos e os exemplos de práticas cotidianas citadas, a partir das leituras do Evangelho, revelam os problemas comuns e os específicos de cada comunidade.

Como só há igreja em Maceió, nas demais localidades as celebrações costumam acontecer nas residências dos camponeses, ocasião em que também se observa a presença de jovens, adultos e crianças.

O local escolhido para a realização das celebrações costuma ser o de propriedade das pessoas mais letradas. Geralmente escolhe-se a casa de uma professora, mas, às vezes, as celebrações ocorrem no mesmo local das reuniões. Por isso, a casa escolhida poderá ser também a de um membro da direção da Associação Comunitária ou de um componente da direção da Cooperativa.

Costuma-se ouvir depoimentos no Assentamento Maceió de que foi à luz do Evangelho que camponeses e pescadores *descobriram-se* donos da terra em que habitam; por isso, fé e política não se separaram. Foram as reuniões e discussões políticas que proporcionaram a essas pessoas a compreensão de que “não eram moradores” e sim donos da terra:

aí a gente começou a se reunir, conversar, discutir e começamos aos poucos a deixar de pagar aquela renda tão explorada que era cobrada. Com isso começaram as desavenças entre aqueles que se diziam patrões e os que naquela época a gente pensava que era morador. A gente ainda não tinha descoberto que a gente não era morador, porque cada um de nós morava em casa construídas por nós mesmos e sempre moramos nessa terra (Grifos meus). (Depoimento de Nazaré. Apiques, fevereiro de 1992).

Além de não pagarem a renda, em decorrência da seca, os posseiros descobriram, através da leitura da Bíblia, que “o sofrimento não é vontade de Deus, que não é prá ter um rico e outro pobre, que Deus quer os filhos dele iguais”. (Depoimento de Amarílio. Lagoinha, fevereiro de 1992).

O resgate do significado historicamente dado pelas sociedades camponesas ao calendário cristão é fundamental para a compreensão das festividades a ele associadas no Assentamento Maceió. Os terços, os novenários, o dia de São José, as rezas de maio, as festas de Pentecostes, o Natal, dentre outras datas, são sempre citadas como parte da tradição religiosa local; e foi considerando essa tradição que a Igreja Católica deu início ao trabalho de “evangelização”. Apesar de a Igreja Católica já se fazer presente, anteriormente, nesta localidade, esse trabalho foi intensificado e passou a ter uma maior repercussão nos fins dos anos 70 com a estiagem prolongada e com o trabalho desenvolvido pelas Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs):

em muitos lugares começaram a se agrupar os grupinhos e pessoas prá rezar. Veio o Movimento da Comunidade de Base e ali no Maceió, como já tinha um comecinho, então foi onde primeiro se juntou um grupinho prá fazer a celebração da palavra de Deus. Depois do Maceió pintou no Humaitá, pintou no Córrego Novo, depois aqui no Bom Jesus. Então, porque outras comunidades vizinhas como Timbaúba, Caetanos que tinha que era um pessoal que rezava mais, faziam mais a celebração da palavra, então eles vinham, era como se fosse uma campanha visitar as comunidades, ou ainda não tinha ainda, faziam celebrações ali deixava uma pessoa responsável e a pessoa começava a animar e dar continuidade. (Depoimento de Nazaré. Apiques, fevereiro de 1993).

As celebrações que se realizavam nas casas dos camponeses se inseriam num conjunto de atividades da Igreja católica, incentivadas pelo Pe. Albani, denominadas “Movimento do Dia do senhor”⁷. No seu transcorrer, além de fazer orações, eram discutidos os problemas políticos ligados à terra.

Esta prática vivenciada no Assentamento Maceió nos lembrou algumas interpretações feitas no âmbito dos estudos culturais a exemplo de um texto publicado por Ricoeur (1975), ao discutir o Sagrado, chama atenção para a importância de se revelar *o nível da palavra* por meio da história bíblica, uma vez que nesta se articula uma visão do tempo e da história:

o nível considerado é o do evento da palavra, no duplo sentido da palavra que se fez carne e das coisas ditas no espaço de linguagem e de interpretação constituído pelos escritos neotestamentários. Esse nível de palavra é aquele em que se articula não só a interpretação do tempo crístico e de todos os outros tempos, mas como mostra PATTARO, o tempo litúrgico, com seu primeiro dia - ‘dia do senhor’ - seu ciclo anual centrado na Páscoa e na ‘semana santa’ e seus outros tempos fortes. O tempo não é só interpretado, mas também significado pelo rito. A singularidade da visão do tempo se exprime pelo ritmo de nossas semanas e anos no qual o conjunto da comunidade cristã deixou sua marca original. (RICOEUR 1975, p.2).

É a singularidade em relação ao calendário cristão que marca fundamentalmente o calendário religioso e agrícola no Assentamento Maceió. Tais singularidades estão expressas na forma como se intercala o tempo litúrgico e o calendário agrícola. **Janeiro**, festas do “reizos” – tempo de plantar; **junho**, festas de

São João e Santo Antônio tempo de colher; **outubro**, festa da padroeira (Nossa senhora Aparecida), tempo de preparar a terra para o plantio.

O conjunto das atividades religiosas e culturais desenvolvidas no Assentamento Maceió, e, até mesmo, as discussões relativas à posse da terra fazem-se acompanhar por cânticos e poesias costumeiramente, por eles entoadas:

Vou contar em versos simples
 o que vejo neste chão
 o que sempre continua
 de praia, serra e sertão
 que terá como seu tema
 Vida e religião
 Muita gente pensa que a sua religião
 Está só simbolizada
 no momento de oração
 De joelhos rezam juntos
 E depois explora seu irmão.⁸

As músicas, poesias e o conteúdo das discussões ocorridas nas reuniões e celebrações, explicitadas em documentos, evidenciam que a posse da terra é entendida enquanto uma conquista política vinculada a uma interpretação do Evangelho:

A nossa luta começou mesmo por causa do Evangelho. Foi tanto assim porque a gente viu os arrochos no meio da gente? Não! Foi a gente ter pensado no Evangelho e viu que, realmente, a terra não é prá uma pessoa só; ela tinha que ser compartilhada com outros irmãos, e aí a gente começou pelo Evangelho, então o Evangelho é um trabalho coligado à posse da terra. (Depoimento de Amarílio, em fevereiro de 1992).

Ressalte-se que, apesar de todo o envolvimento das citadas comunidades com a Igreja Católica, elas nunca tiveram um padre residindo no lugar. Contudo, a ausência de um sacerdote para encaminhar os rituais de fé não os impede de realizá-los.

Em verdade, os padres da paróquia de Itapipoca vão ao Assentamento Maceió apenas algumas vezes por ano. E é nessas ocasiões que os camponeses e pescadores aproveitam para mandar benzer as imagens de sua devoção e realizar os sacramentos como casamentos, batizados, crismas.

As crianças e os jovens são preparados para os sacramentos pelos “animadores” da própria comunidade. Quem prepara para o casamento é o Amarílio, e para a Primeira Comunhão e Crisma é Chica Beléu. Esses sacramentos são realizados, em maior número, no mês de outubro, período da festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira da Comunidade Maceió.

Nos relatos sobre a história da luta pela terra, aparece, com frequência, o termo “evangelização”. Essa palavra é preciosa aos camponeses e revela nomes familiares, como os dos padres Albani e Felipe e de D. Paulo Pontes, e os das irmãs Maria Alice e Bete, dentre outros religiosos que acompanharam e apoiaram a luta pela terra.

Segundo (MARTINS 1989, pág 87), não há como omitir a importância da participação da Igreja, a partir dos anos sessenta, na luta pela terra; “porque a Igreja, a partir dos anos sessenta, tem sido a Igreja da opção preferencial pelos pobres e da pastoral social”. É fundamentalmente a essa Igreja e ao papel por ela desempenhado na luta pela terra que os camponeses e pescadores do Assentamento Maceió fazem referência nos seus depoimentos.

Há uma certa controvérsia quanto ao momento em que se iniciou a “evangelização”; para a maioria entrevistada, foi em 1978, quando se formaram de fato as CEBs. Nesse período, os posseiros também contaram, naquela paróquia, com a presença do Pe. Albani que, mesmo não residindo na comunidade,

incentivou a organização das CEBs através do Movimento do Dia do Senhor.

Os depoimentos revelam que, em sua origem, a descoberta da Bíblia como instrumento de libertação e a “evangelização”, tiveram início com a chegada de Amarílio naquele lugar. Segundo nos revela a Enilda:

quem trouxe aqui pra dentro o sistema de novena, celebração, foi Amarílio; ele já vinha da Canaã. Depois que o Amarílio chegou com esse sistema, aí a gente teve alguns convites prá participar de encontros, de catequese; aí a gente começou fazendo celebração da palavra de Deus. Depois começamos a participar de encontros, de catequese, aí a gente começou fazendo celebração da palavra de Deus, depois começamos a participar de encontros, e passou-se a ter reunião também da comunidade, e começamos a descobrir que a gente tava sendo explorado, oprimido e, com a união, a gente podia ir se libertando um pouco dessas opressões e do sistema de exploração que a gente vinha tendo. (Depoimento de Enilda. Coqueiro, fevereiro de 1992).

No Assentamento Maceió, a indagação sobre o significado da palavra “evangelização” pode levar o interlocutor a lugares recônditos, mas pode levar também a caminhadas, celebrações, e à preparação para os sacramentos. Segundo Amarílio, “evangelização”

é a preparação: crisma, batismo...sacramentos, mas que esses trabalhos nossos, realmente ele é engajado na mesma luta pela terra; não é um trabalho isolado diretamente, que cada comunidade aqui tem suas pessoas que faz o dia do Senhor e, naqueles dias marcados, naquelas celebrações, a gente discute os problemas da terra, da vida, né? (Depoimento de Amarílio. Lagoinha, fevereiro de 1992).

Poder trabalhar na terra “sem nenhum susto” significa, para os camponeses do Assentamento Maceió, o direito à vida. É por isso que preferem não dividi-la: “a terra é de todos” ou nas palavras do Benedito “e hoje só uma pessoa, que não tem juízo é que pensa em dividir a terra; só quem for doido!”:

o fato que a gente decidiu que essa terra não deve ser dividida e que tem que ser terra comum é dado em vista o nosso caso aqui do Bode, do Maceió, do Humaitá. São três comunidades, são comunidades que eu moro aqui, Anaíde mora aqui, Zé Chiquita mora aqui e cada comunidade, cada família onde mora, tem lá os seus coqueiros, os seus cajueiros, que é o que nós chamamos de benfeitorias. Se eu tenho que me deslocar, praticamente eu perco o que eu fiz; eu perco prá alguém o que eu fiz durante 50, 60 anos. Daí - 1º ponto de vista; 2º é o número de pessoas por família. Sabe que cada município tem o seu módulo, o nº de hectares de terras, Itapipoca, se não me engano é 10 ha. O aumento da população vai diminuindo a terra. Somos cinco mil e poucos hectares. Se a gente for ver o nº de famílias, vai tocar hoje 3ha para cada família, que aqui, nessa comunidade, prá uma família, prá um casal que não tem nenhum filho, podia a terra dá; mas um pai de família que tem 10, 12 filhos a terra não dá; a terra que tá com 3ha só dá prá um filho, dois. Terceiro é o poder aquisitivo: ninguém aqui é rico, mas a gente sabe que tem pessoa aqui dentro que tem o poder aquisitivo melhor do que outro. Eu tô numa situação ruim hoje, outro acolá que tá numa situação melhor chega prá mim e diz: rapaz, tu tá numa situação meio ruim. Esses 3 ha de terra, tu quer me vender ? E vai comprando de um, vai comprando de outro, e termina se tornando um latifundiário depois. Quarto: é que, assim se procedendo, não adiantou se lutar; a gente volta ao que éramos comparados aos outros segmentos, uma vez que eu me torne um latifundiário, tenha tudo em minhas mão e o resto que se dane!!!⁹ (Depoimento de Benedito. Bode, janeiro de 1993).

Esta foi para eles a descoberta mais importante no processo de luta pela terra; e, embora a “evangelização” tenha se iniciado apenas em fins da década de 70, acontecimentos como a criação do Círculo Operário, na década de 60, foram importantes, uma vez que demarcaram o início de uma discussão sobre os seus direitos, em especial o direito à terra e às benfeitorias.

O Pe. Dourado, religioso bastante respeitado principalmente pelos mais idosos, é lembrado com frequência por haver incentivado, na década de 60, a criação do Círculo Operário. Embora o referido padre não tenha ocupado um papel de destaque na “organização” das comunidades, foi um dos religiosos

a incentivar as primeiras discussões sobre a posse da terra e sobre o exercício da cidadania.

“Evangelificação” não tem, no Assentamento Maceió, o mesmo significado que teve para o Brasil no período Colonial. A ação evangelizadora extrapola a mera realização dos rituais sagrados adentrando na discussão dos direitos sociais. “Evangelificação” é sinônimo de conscientização, é pregação da justiça, é envolvimento efetivo da igreja com os problemas sociais. Neste processo de “evangelificação”, a relação entre fé e política se faz por meio da Igreja entendida como povo de Deus, diferente da Igreja entendida em sua hierarquia, por meio de padres, bispos, conselhos que se organiza apartada das demandas sociais.

Por caminhos inversos àqueles trilhados no processo de colonização, a Teologia da Libertação empreendeu no Assentamento Maceió, assim como em diversos lugares do nosso país, uma caminhada no sentido de resgatar a cidadania e o direito à terra aos expropriados. Por vezes, essa Igreja cometeu equívocos, mas colocou-se efetivamente como uma base de apoio para que os camponeses conquistassem direitos que lhes foram historicamente negados.

Na atualidade, uma nova bandeira impulsiona estes trabalhadores em defesa dos seus direitos. Trata-se da luta pela manutenção da posse da faixa litorânea do Assentamento (Figura 4) que está sob ameaça de ser ocupada, pelo Sr. Júlio Trindade – “o Pirata”¹⁰, como o nomeiam os camponeses e pescadores do assentamento Maceió.



Figura 4 - Manifestação política dos moradores do Assentamento Maceió contra a ocupação turística planejada pelo “Pirata”. Agosto de 2002. Foto de Maria do Ceú de Lima, junho de 2002.

Inventando uma tradição na qual não se insere a maioria dos moradores do Assentamento Maceió, Júlio Trindade apresenta, para aquela localidade litorânea e áreas adjacentes, um projeto turístico através do qual recriará a “Taba dos Piratas”.

Sobre o resgate da tradição e sobre este projeto turístico, *o empreendedor* informa:

[...] estudos recentes levam a crer que quando um dos navios do legendário Mission encalhou na região, provavelmente na última década do século XVII, muitos membros da utópica “Libertália” resolveram ficar por ali e reproduzir a sua experiência de livres empreendedores, ou de “coletores”. (...)

[...] e se instalaram na futura Costa dos Marinheiros, convivendo em perfeita harmonia com os nativos. Habitavam uma moradia comunitária: enorme cabana de palha à beira de uma lagoa de águas límpidas e refrescantes, dormindo em redes tecidas em puro algodão e alimentando-se do muito que podiam caçar e pescar ali mesmo [...].

Essa Taba dos Piratas será fielmente reconstruída. Nela poderemos pernoitar reproduzindo assim o modo de vida autenticamente pirata, e o espírito tribal, que se encontram nas raízes mais verdadeiras do nosso passado. Espaço de convívio coletivo, dispensará o conforto tradicional de pousadas para resgatar a cultura e o modo de viver indígena, com seus rituais, hábitos e costumes. Proporcionará aos “índios urbanos” novas experiências e aventuras (Figura 5) ¹¹.



Figura 5 - Imagem divulgada no site ‘praiadoPirata’ para demonstrar a harmonia dos “livres empreendedores, ou “coletores” com os nativos.

O projeto “praiadopirata” (Figura 6) não conta com a aceitação dos moradores do Assentamento Maceió que têm revelado o seu desagrado com manifestações políticas contrárias ao mesmo. Para este grupo social o mar é, primordialmente, local de trabalho e fonte para sua sobrevivência material e social conforme também ficou comprovado em Relatório Técnico realizado pelos pesquisadores da UFC que estiveram no referido assentamento, em junho de 2002 e fizeram as seguintes observações:

Ficou evidente pelos depoimentos ouvidos durante a visita que o litoral é antes de mais nada lugar de trabalho e de atividades complementares da população do Assentamento Maceió e povoados circunvizinhos. O acesso ao litoral para expressiva parte da população é extremamente difícil, o que penaliza fortemente os que fazem daquela área seu campo de trabalho e condição de sobrevivência. Uma distância considerável separa muitas das comunidades do Assentamento do mar. Para transpô-la é necessário atravessar riachos e dunas que dificultam o acesso. Essas dificuldades superadas diariamente, comprovam o peso e a expressão que o mar exerce para esses trabalhadores. O mar é condição de trabalho e de sobrevivência na manutenção de várias famílias. Dele retiram alimento, para o consumo direto, ficando o pouco excedente para as trocas e o comércio.¹²



Figura 6 - Imagens divulgadas no site “praiadoPirata” e o convite aos “índios urbanos” para viver novas experiências e aventuras no lugar

Considerações finais

Vale salientar que os conflitos de terra no litoral brasileiro não são recentes e sobre estes a literatura é vasta. Em sua essência estes conflitos revelam a verdadeira face da renda do solo e, quem sabe, até *do sol*?¹³. Portanto, mais do que nunca, é preciso desvendar a essência da natureza enquanto mercadoria, uma vez que, como pagamento da renda do solo e da exploração das demais riquezas naturais, desde os primórdios da história deste país, os nativos vêm sendo expropriados pelos colonizadores e aventureiros que, ao expulsá-los, viabilizam seus empreendimentos mercantis, na maioria das vezes, devido à omissão do Estado e da sociedade civil.

Notas

- (1) Cf. MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993 e CHAUI, Marilena. **Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- (2) Cf. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- (3) Assentamento Maceió e Imóvel Maceió são denominações atribuídas à área localizada no município de Itapipoca, Estado do Ceará, desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) através da portaria 838 de 09/87. Entretanto, se para os órgãos públicos oficiais e para as instituições financeiras, tais denominações têm importante significação, para os camponeses o termo comunidade antecede, em importância, as denominações *Assentamento e Imóvel Maceió*.
- (4) As localidades são: Maceió, Apiques, Córrego da Estrada, Coqueiro, Jacaré, Humaitá, Bode, Mateus, Córrego Novo, Bom Jesus e Lagoinha. Cada uma dessas localidades recebe também a denominação interna de comunidade.
- (5) É catequista das comunidades desde 1979.
- (6) O respeito a figura do Sr. Preá no assentamento como um todo, em especial, na Comunidade Maceió, decorre do fato de ele ser um dos habitantes mais idosos do lugar, e também se deve à sua participação política, que teve início com a criação do Círculo Operário.
- (7) Segundo matéria publicada na Revista Terceiro Mundo: “A idéia fundamental é a transformação social para a conquista de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária” (...) Ele foi uma iniciativa criada em 1965 pelo Padre Albani Linhares...Foi iniciado com agentes (educadores populares), mas hoje os próprios camponeses o dirigem”. *A Transformação Pela Consciência*. Revista Terceiro Mundo. nº 170, janeiro de 1994, p. 12.
- (8) Versos compostos por Nazaré, membro da Comunidade de Apiques, bastante recitados nas atividades da igreja local.
- (9) Depoimento de Benedito, membro da comunidade do Bode em janeiro de 1993.
- (10) Apoiado por alguns políticos cearenses e na ausência de uma política ambiental voltada para os interesses dos grupos sociais que sempre habitaram as praias de Caetano e Apiques, Julio trindade se apresenta como defensor da natureza e protetor do meio ambiente. Cf. <http://www.praiadopirata.com.br/site/utopia/index.html>.
- (11) <http://www.praiadopirata.com.br/site/utopia/index.html> Acessado em 20 de junho de 2003.
- (12) Cf “O presente documento foi elaborado a partir de visita técnica realizada no dia 22 de junho de 2002 ao Assentamento Maceió, no município de Itapipoca-CE. Afora as reuniões e contatos realizados em pontos de encontro na sede do Assentamento (COPAIM/ASCIMA), o que baseia o cerne da

visita foi na praia denominada de Maceió, onde, encontra-se em andamento, mesmo sob protestos, a instalação de empreendimento turístico por Antônio Júlio de Jesus Trindade (“Praia do Pirata”) com forte impacto na vida de relações da população residente na área litorânea e suas adjacências” Cf. LIMA, Maria do Céu, MEIRELES, Jeovah, SILVA, José B. da. **RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA AO ASSENTAMENTO MACEIÓ**, Fortaleza, UFC: 22.06.2002, p. 02

(13) Sabe-se que *o sol* no Nordeste brasileiro se constitui em mote para alavancar o turismo. A disputa pelas horas de sol move a propaganda turística no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Cada um desses estados ao seu modo vendem o sol: o nascer do sol, o pôr-do-sol, a quantidade de horas de sol por ano....

Bibliografia

- ANDRADE, Manoel Correia de. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.
- BOAS, Franz. Uma Amostra do Trabalho de Campo de Boas. In: **A Formação da Antropologia Americana 1883 - 1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cenários e momentos da vida camponesa: três dias de trabalho de campo em uma pesquisa no Pretos de Baixo do Bairro dos Pretos, em Joanópolis, São Paulo. In: GODOI, Emília Pietrafesa; NIEMEYER, Ana Maria (Ogs). **Além dos Territórios**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método. In CARDOSO, Ruth (Org.) **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante do Etnólogo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma Espelho do Mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- DAMATTA, Roberto. O Trabalho de Campo em Antropologia Social. In: Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FARRISS, Nancy. **Recordando el futuro, antecipando el pasado: tiempo histórico y tiempo cósmico entre los mayas de Yucatan**. México: Instituto Nacional de Antopologia e História, 1986.
- GEERTZ, Clifford .Estar aqui, escrever lá. **Revista diálogo**, v 22, n 3, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GODOI, Emília Pietrafesa O Sistema do Lugar: História, território e Memória do Sertão In: GODOI, Emília Pietrafesa & NIEMEYER, Ana Maria (Ogs). **Além dos Territórios**. Campinas –SP: Mercado de Letras.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- GRZYBOWSKY, Cândido. **Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- <http://www.praiadopirata.com.br/site/utopia/index.html> Acessado em 20 de junho de 2003.
- <http://www.praiadopirata.com.br/site/utopia/index.html> Acessado em 20 de junho de 2003.
- Lima, Maria do Céu de; Meireles, Jeovah de Andrade; Silva, José Borzacchiello da. **RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA AO ASSENTAMENTO MACEIÓ** . Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, Junho de 2002 (mimeo.)
- MARTINS, José de Souza. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MARTINS, José de Souza. **Caminhada no Chão da Noite**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- NOVAES, Adauto. De Olhos Vendados. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- Revista Terceiro Mundo**. A Transformação Pela Consciência. n. 170, janeiro de 1994.

RICOEUR, Paul. Introdução. In: **As culturas e o Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1975.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Terra Camponesa como (Re)criação Genealogia do Lugar e da Paisagem**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de S. Paulo, São Paulo.

Schama, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZALUAR, Alba. Teoria e Prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (Org.) **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Trabalho enviado em janeiro de 2004.

Trabalho aceito em agosto de 2004.